



P. Vald. Nogueira

A ACÇÃO SOCIAL DO PADRE

*Si mundus vos odit, scitote quia me
priorem vobis odio habuit. (S. J.º 15, 18)*

I

Parte essencial da natureza do homem, feição característica do seu espirito sobradamente evolutivo, estímulo onnipoderoso dos seus feitos heroicos e das suas fidalgas acções gentilissimas, só a Religião sabe e pode resolver a contento os mais intrincados problemas sociaes; só a Religião pode e sabe explicar de plano a mysteriosa vocação das raças, a missão altamente providencial dos grandes povos do globo, as peripecias assombrosas da historia, o apogeu e a decadencia, as guerras e as conquistas dos poderosos imperios da antiguidade, e os habitos e os costumes, as leis e os destinos de todas as nações da terra.

Em todos os tempos e entre todos os povos as instituições politicas e as instituições sociaes trazem sempre o sello indelevel das convicções religiosas. E porque? Porque a Religião é base inamolgavel, o fundamento indestructivel das sociedades humanas; porque a crença é o pincel divino, que traça na tela da historia o perfil dos povos com o caracter dos individuos.

Assim é que entre os povos adoradores da substancia universal, que nos seres todos da criação nada mais vêem senão modalidades distinctas d'essa unica substancia infinita, entre esses povos o homem, como se existira fóra da realidade das cousas, absorto na mudez tumular

de uma contemplação sem fim, perdido n'um labyrintho de illusões radiosas, renuncia ao testemunho dos sentidos e vive só de sonhos acariciados pelas brisas balsamicas de ethereas regiões ignotas. Para elle, para esse adorador do absurdo, o deserto tem os encantos maravilhosos de um silencio imperturbavel, de uma solidão immensa, de uma vastitude solemne ; mas é limitado, —o deserto não é o seu Deus. O oceano tem algo da magestade divina : os seus horizontes são dilatados e os seus abysmos, profundissimos ; mas tem o rugido da procella e a mobilidade infrene do lãõ na jaula, —o oceano não é o seu Deus. O sol entorna sobre o mundo as fulvas ondas de sua luz rutilante, e aos effluvios poderosos do seu calor benefico a natureza desabrocha em flôr e a vida universal se expande n'um deslumbramento de seiva ; mas a retina microscopica do olho abrange-lhe o disco faiscante, —o sol não é o seu Deus. O firmamento é grande, é vasto, é immenso, parece conter todas as cousas sob a cupula refulgente de um azul sereno e profundo ; mas o brilho dos astros o aclara, —o firmamento não é o seu Deus. A noite tem a grandeza sombria das trevas e a anciadade terrivel dos mysterios ; mas desconhecidos rumores lhe perturbam a paz, —a noite não é o seu Deus. O seu Deus é tudo isto : —o deserto com sua immobilidade e seu silencio, o oceano com seu horizonte e seus abysmos, o sol com sua luz e seu calor, o firmamento com sua immensidade, e a noite com sua escuridão.

Onde quer que impere tão extranha divindade, a indolencia sobrepõe-se ao trabalho e a escravidão supplanta a liberdade ; imperios gigantesco ; se levantam de chofre para de chofre morrerem ; os exercitos não têm disciplina e os homens não têm intelligencia ; a guer a longe de ser a manifestação do valor é a o tentação do numero ; e a victoria só é legitima, porque sendo o symbolo da força è o symbolo da substancia divina.

São estes os traços physionomicos das raças Levantinas. A sua historia é filha da sua religião ; o seu caracter e as suas leis, os seus habitos e os seus costumes são a

resultante logica da crença, que ellas votam do coração á sua divindade immovel, silenciosa, austera, immensa e formidavel.

Mas não é tudo. O phenomeno estupendo da perfeita identidade da vida dos povos com a sua Religião triumphou esplendidamente de todas as objecções possíveis e imaginaveis, quando nos falam as paginas esmaltadas, as rutilas paginas gloriosas do Povo Romano. Na esphera da politica e na esphera da Religião, Roma, a brilhantissima Capital d'um povo de heróes, é a synthese mais perfeita do Oriente e do Occidente. Os seus deuses multiplicam-se como os deuses da Grecia, mas, a despeito da sua multidão ruidosa, conservam alguma cousa da magestade sombria do sombrio deus indistincto. Cidade e imperio ao mesmo tempo, cidade como a de Athenas e imperio como o de Babilônia, ella tem duas physionomias distinctas, duas physionomias inconfundiveis: —uma que é o symbolo da duração oriental, e outra que é o symbolo da mobilidade grega. A sua duração é tamanhamente admiravel que a historia proclamou-a—Cidade eterna,—e a sua mobilidade é tão descompassada que as Aguias Romanas chegam a levantar o vôo triumphal em todas as regiões da terra.

Destina-la nos altos conselhos do eterno Olympo para ser a festejada metropole do Imperio do Filho de Deus, ella devia no correr dos seculos assimilar maravilhosamente todas as religiões e simultaneamente adorar os deuses de todos os povos. E de feito, cedendo ao impulso mysterioso de uma força desconhecida, mas invencivel, seus deuses subiram ao Capitolio, e Roma, forte por sua religião, senhora e soberana altiva de tantas nações conquistadas e adoradora fervorosa de santissimas divindades vencidas, firmou-se na multidão e na força—que era a legitimidade do Oriente, e eternisou-se na intelligencia e na disciplina—que era a legitimidade do Occidente.

E aqui vem muito ao justo notar que a sua religião, extremando-se de todas as outras sem deixar de guardar

certos pontos de contacto com todas, também e'la, identificada com a sua crença conserva o seu caracter proprio, mas reúne as qualidades predominantes dos grandes povos, que a sua espada venceu, ou a sua gloria offuscou: —tem o civismo austero dos Espartanos, a primorosa cultura dos Athenienses, a pompa feérica dos Egyptios e a grandesa magestática dos Assyrios. Ora, para vencer esse colosso era preciso que os seus deuses succumbissem, para dominá-lo era necessário que a sua religião fosse destruída; e só um Deus vivo podia anniquilar os seus falsos deuses, só uma Religião suprema podia destruir a sua religião phantasiosa.

Felizmente veio este Deus vivo e esta Religião suprema também veio. Christo, Deus de Deus, o Messias, chegado na plenitude dos tempos propheticos, fez-se homem nas purissimas entranhas da mais formosa, da mais gentil, da mais santa das virgens filhas de Sião, e, com o heroismo infinito do seu infinito amor, soffreu pelo homem todas as angustias cruciantes e todas as agonias acerbias; bebeu o calix de todos os opprobrios e esgotou a taça de todos os tormentos; subiu ao Calvario, vergando ao peso de todos os crimes humanos, e morreu morte de cruz na solitude esmagadora do abandono do céu e da terra. Mas a sua Morte quebrou o sceptro do anjo revoltado, e a sua Resurreição destruiu o imperio dos deuses do Capitólio.

Vencido o príncipe das trevas e destruído o imperio dos deuses ia abrir-se para o mundo regenerado uma nova era de benções sob o influxo omnipotente da doutrina vencedora do Christo. E com effeito, doze homens rudes receberam do Mestre adoravel a missão de transmudar a humanidade, ensinando-lhe uma Religião de paz e amor, de união e concordia, e firmando todas as instituições politicas e sociaes do mundo nos principios indefectíveis da moral do Evangelho.

Missão espinhosa! Missão difficillima! Christo sabia-o e disse aos Apostolos e disse aos Padres, que deviam substituí-los na obra gigantesca da transformação radi-

cal do espirito humano:—Ide pelo mundo em fóra, ensinae aos povos todos da terra, pregae-lhes a minha palavra, annunciae-lhes o meu reino. Não vos aterrorise o sobreceño feroz dos especuladores do mal, nem vos apavore a guerra de morte da idolatria tyranna: as trevas não gostam da luz, o céu é o pesadelo do inferno; e vós sois a luz e vós sois os enviados do céu. Todos hão de odiar-vos, todos hão de perseguir-vos; não ex'ranheis esse odio, não temais essa perseguição, que eu fui o primeiro odiado, o primeiro acerbamente perseguido. *Si mundus vos odit, scitote quia me priorem vobis odio habuit.*

Estudemos, embora a largos traços, esta missão ingente, que faz do Padre a victima de todos os seculos, o alvo de todos os odios tempestuosos e a mira da opposição systematica da philosophia anticatholica; estudemol-a sem preconceitos de casta nenhuma, á luz serena da historia, á luz patente da philosophia racional; estudemol-a, synthetisando-a n'esta proposição luminosa:—O Padre é a maior força social.

II

No desempenho da sua missão prodigiosa o Padre é mais que homem,—é o proprio Jesus Christo agindo sempre na terra com a efficacia infinita d'aquella palavra infallivel, d'aquella insinuantissima palavra, que regenera e transforma e nobilita e aperfeiçoa e polimenta e civilisa e aprimora e justifica e salva a sociedade humana, aavez das luctas dos seculos e no meio das vicissitudes dos tempos. Encarnação viva e palpitante do maior de todos os poderes,—o poder divino, e da maior de todas as forças,—a força moral, o Padre reúne todas as magnificencias da natureza e todas as magnificencias da graça; n'ella, como n'um santuario de bençãos, como no seio virginal de Maria, Deus une-se ao homem, e Deus e ho-

mem ficam estreita e eternamente unidos no amplexo ineffavel do mais santo e puro amor.

Quando as sagradas mãos pontificias attrahem-lhe do céu os peregrinos dons fulgentes do Espirito de luz, Jesus desce sobre elle, entra no seu coração, une-se á sua alma, identifica-se com a sua pessoa, e torna-se o seu sangue, sua vida, seu poder, sua força e sua gloria. Os homens não vêem n'elle senão um simples mortal, mas Jesus Christo deu-lhe o germen da immortalidade; os homens julgam-no pequeno, mas Jesus Christo fê-lo grande demais; os homens consideram-no formado á sua semelhança, mas Jesus Christo formou-o á sua propria imagem;—o Padre é Deus e homem como o Christo.

Enorme, enormissima grandeza! Assim rapida e scintillantemente esboçado o esvelto e magestoso perfil d'essa maxima entre as maiores personalidades historicas, não padece duvida que teve sobejas razões o eminente publicista moderno, que firmou e affirmou esta proposição irrefutavel á luz da philosophia e da historia: « O padre é a força social por excellencia. » Bem é de ver que o radicalismo não concorda com isto; esse inimigo jurado de tudo, que sobrepõe-se á esphera da natureza, não comprehende que possa haver luz no cerebro de um doutrinator de dogmas. Para elle a sotaina é o symbolo do obscurantismo na sua expressão mais energica; o Padre é a ignorancia feita carne e feita osso, estadeando-se, fanatica e presumida, no campo limitadissimo de idéas e crenças, que já tiveram seu tempo; e o dogma catholico é a guilhotina do pensamento, o patibulo da liberdade humana.

Mas destas duas opiniões fundamentalmente contrarias qual é a verdadeira? O Padre é o mal, como avança o radicalismo, ou é o bem, como affirma Tocqueville? E' o opposicionista pertinaz do progresso social, ou é o defensor intremulo da paz do mundo universo? E' o escravo ignobil dos preconceitos estupidos, que lhe ennoitam a mente, ou é o genio aureolado pelos reflexos dos formosos idéaes, que lhe recusam o cerebro? A philosophia illuminando a historia e a historia dando as mãos á philoso-

phia, ambas respondem :—A verdade é que se não fôra o Padre já a humana sociedade se houvera desmoronado aos golpes da cimitarra sacrilega da moirisma philosophante. A verdade é que a acção soberana do Padre, visando sobretudo os superrimos interesses da vida futura, efficacissimamente influe nos grandes e complexos interesses d'esta vida presente. A verdade é que o padre, anjo tutelar da paz e do amor entre os povos, é e não pôde deixar de ser, a maior força social,—a força social por excellencia.

E' preciso provar, provemos.

Ha entre o corpo humano e a humana sociedade uma consonancia admiravel, mysteriosa; uma exquesita e surprehendente harmonia. Admira-me a substancia do corpo na intima juxtaposição das moleculas, mas assombra-me a subsistencia da sociedade no estreito congraçamento dos individuos. A união das moleculas é a vida no corpo, e a união das vontades é a vida na sociedade. Disjuntem-se aquellas, que a morte apresenta-se com as credenciaes do tumulo, e o corpo vira cadaver; quebrem-se os liames d'estas, que a desordem apparece com o seu cortejo de horrores, e a sociedade torna-se anarchia. Mas que lei conserva unidas no corpo essas moleculas fremen-tissimas, que tendem sempre a recobrar sua liberdade? A suprema lei da attração, que é o sôpro de Deus, regendo e governando as maravilhas dos orbes. E que poder mantem em concordia na sociedade tantos individuos, que sentem dentro d'alma rugir, indomito e feroz, o vendaval de mil paixões furiosas? De certo não é a mesma cousa ordenar moleculas e arregimentar vontades; não é tão grave subtrahir o corpo ás leis geraes, que regem a materia, como livrar a sociedade das desordens fataes, que nascem das paixões. E portanto ha de ser, deve ser a maior força social por excellencia, o poder extraordinario, o excelso poder soberano o que realisar esse prodigio dos prodigios,—o prodigio da harmonia universal na sociedade.

Qual será elle? Se exceptuamos o Padre, ministro de

uma Religião eminentemente civilisadora e divinamente racional, considerando-o quantidade negativa na somma dos factoressóciaes, não vemos senão tres grandes poderes essencialmente diversos a que se deva attribuir a paz e o progresso das sociedades humanas :—a força, a razão e a liberdade.

Mas será a força esse poder soberano ? A força que só tem uma voz, a voz trovejante do canhão, e só conhece uma linguagem, a sabida linguagem do despotismo ? Será a força, que não faz caso dos dictames da consciencia e só admite a soberania do sabre ? A historia responde que não. A força opprime, mas não pacifica ; o brilho da espada é raio, que fulmina os povos, mas não é luz, que esclareça os espiritos.

Napoleão, o genio das batalhas, o guerreiro tyrannico, o luctador glorioso ; Napoleão, o homem de rija envergadura de cyclope, ambicioso como Alexandre e como Alexandre despotico ; Napoleão, conquistando o Egypto, subjugando a Italia, devassando a Russia, tyrannisando a Europa, e sonhando fazer do mundo universo o ninho colossal das suas Aguias triumphantes, é o testemunho claro por excellencia e por excellencia frisante do que pode e vale a brutalidade da força na conservação da sociedade humana. O seu imperio foi caracteristicamente ficticio : vacillou, cahiu, escabujou e morreu aos golpes formidandos de outra força mais nobre,—a força dos bríos offendidos de uma civilisação inteira ; o seu sonho de monarchia universal desfez-se na realidade atraz de um banimento infame ; e o homem que não cabia, não cabia por seu orgulho na terra, accommodou-se perfeitamente bem no dorso escarpado e negro e nú do rochedo de Santa Helena.

Magnifico ensinamento, soberbissima lição, que a historia dá aos conductores de povos que só querem ver na sociedade uma senzala de escravos apparentemente unidos pelo medo da força, em vez de uma nobre aggremação de homens livres intimamente ligados pelas doces cadeias do amor. Não é, pois, não pôde ser a força esse

poder mysterioso, que engendra a unidade viva no corpo social.

Sil-o-á talvez a razão humana livre de todos os compromissos com a fé, em completo divorcio com a revelação Divina, emproada e impia, derrancando os corações e desvairando os espiritos, abastardando a sciencia e profanando a arte, abolindo todos os cultos e mofando de todas as crenças, dando fóros ao preconceito e arrhas ao absurdo, supprimindo Deus e divinizando o homem? Será a razão? A sã philosophia nem o acceita, nem o admitte.

A razão pode muito, mas não pode tudo; é aurora, mas não é sol; precisa ainda de luz, de muita luz para enxergar as transcendentalissimas questões, que debalde hão preocupado o espirito livre dos maximos pensadores da escola radical. Precisa de luz, e a sua luz fulgurosa, a sua luz pharolisante, em que pese aos incredulos de todas as côres, é a revelação divina, é o dogma catholico que sós resolvem de vez os grandes problêmas scientificos. Portan'o, assim como o homem não pode bastar-se a si mesmo, tambem a razão, sem o auxilio da fé, não pode bastar á sociedade.

Mas então, se a historia depõe contra o despotismo da força bruta e a philosophia proclama a impotencia da razão solitaria, o que resta dos tres grandes factores sociaes? A liberdade. Faça cada um o que bem lhe parecer, pense como quizer, que assim ninguem terá motivo de queixa, e a paz reinará, serena e bella, fecunda e solida, na sociedade, diluindo-se nas gottas intentissimas de um orvalho de luz, que desenvolverá de prompto a uberrima florescencia do progresso social.

A paz! Sim, foi sempre esta a promessa alviçareira dos amantes de tão formosa utopia: *Dicentes pax*. Mas tantas luctas fraticidas, tantos males acabrunhantes, tantos absurdos clamorosos, e notadamente os horrores, a tragedia de sangue da revolução franceza, estão a demonstrar ao mundo que a liberdade sem freios é tão desfavoravel á paz, como a força bruta e a razão emancipada.

E' que os ambiciosos, os máos cidadãos abusam della, e tão sem pudor, tão sem piedade abusam, que chegam a lançar os povos desesperados no incendio conflagrante da mais terrivel das guerras, a guerra civil. *Et non erat par.*

O poder, que governa as vontades, que modera as paixões, que mantem illesa a unidade viva no corpo social, não é a força, não é a razão, não é a liberdade, bem o vimos. Mas é a Religião, mas é o Christianismo. Não se objecte que antes do Christianismo já existia uma sociedade e ja pompeava uma civilisação,—a civilisação grega e a sociedade romana; porque a isto se responde que todos os seculos esprimidos da civilisação pagã não vingam parecer um dia só da nossa gentilissima civilisação christã; e todas as grandezas da sociedade antiga não valem o aprumo d'esta esvelta sociedade moderna. Foi á sombra do Christianismo que se levantou e se a'faiou o verdadeiro edificio social; porque foi á sombra delle que nasceu, cresceu, vigorisou-se, ma' avilhou e avassallou o mundo esta civilisação toda nova, toda louçã, toda bella.

E ainda hoje, como hontem, á sombra de suas Egrejas agrupam-se as casas e reúnem-se os mercados, diz o verbo ardente e auctorizado de um tribuno genial (!); em seus claustros verificam-se as festas theatraes; ao som de seus sinos congregam-se as assembléas; ao pé de seus altares armam-se os cavalleiros; de seus templos saem os peregrinos; em suas aras está a mãe de todos os homens, a Virgem pura; em suas procissões, perfumadas de incenso, abençoadas pelo orgão, que anima quadros, estatuas e columnas, illuminadas pelos cyrios e pelas lampadas, que parecem estrellas errantes, que vieram beber sua luz no santuario, em suas procissões todos os mysterios da alma; na architectura maravilhosa de suas cathedraes, toda a arte,—a columna grega cortada em feixes, o arco romano engrandecido como as portas eternas, e o obelisco oriental, não enterrado no sólo, mas perdido nos ares; nas folhas cinzeladas nos arcos, a na-

(!) Emilio Castelar. Disc. Acad.

tureza ; na janella rasgada que se abre em cima e que recolhe a luz e a decompõe em matizes do iris, o céu ; e na agulha entalhada, aerea, que se alcandora ao infinito, que se perde nos arreboes do firmamento, a escada mystica, mysteriosissima, por onde a vida contingente aspira a confundir-se com a vida eterna, e o homem, movido pela fé, sóbe a perder-se no seio immenso da gloria.

E', pois, a Religião, é o Christianismo o unico poder capaz de crear e conservar a unidade viva no corpo social ; porque só elle tem o segredo irrevelavel de utilisara força, a razão e a liberdade, traçando-lhes, a cada uma, com pericia divina, o círculo intransponivel da sua respectiva actividade. Felizmente já vae se affirmando, folgamos de confessal-o, já vae se affirmando, como a mais inconcussa das verdades, que só ao Christianismo pertence esta gloria ; já vão alvorejando na mente dos mais vigorosos pensadores modernos e contemporaneos essas eras refulgentissimas do pulchro amor, em que a humanidade deve constituir uma familia unica, em que essa familia ha de ter um só Deus, uma só fé e um só baptismo.

Mas o Christianismo é um idéal, precisa de um cerebro ; é uma religião, precisa de um apostolo ; é uma sciencia, precisa de um mestre. E qual é o cerebro d'esse formoso idéal, qual é o apostolo d'essa religião divina, qual é o mestre d'essa sciencia soberana ; em summa, qual é o órgão do Christianismo ?

E' o Padre, o Padre só. Mas então é claro que não podemos consideral-o quantidade negativa na somma dos factores sociaes, porque elle é e não pôde deixar de ser a maior força social, — a força social por excellencia.

E de feito, quanto é larga e profunda, extensa e effiz a acção, a força social do Padre ! Aonde quer que volvamos os olhos, aonde quer que fixemos o pensamento, nos precintos illuminados da historia, ou nas estancias deslumbrantes da esthetica; na orbita esplandesciente das idéas, ou na caudal ver'iginosa dos factos ; nas conquistas luminosas da sciencia, ou nos esforços triumphaes da arte ; nas crises violentas da moral, ou nos meandros

inextricaveis da politica; em scenarios cambiantes dos seculos, ou nas tragedias assombrosas dos povos; no berço e no sepulchro do homem; na direcção e civilisação do mundo; sempre e em toda parte defrontamos o Padre, imprimindo em tudo e em todos o cunho injeleavel da sua descompassada influencia: dando ao amor o seu idéal mais perfeito, ao heroismo a sua feição mais distincta, á virtude os seus traços mais delicados: balsamizando os costumes, desbravando a tyrannia, alicerçando a paz, movimentalizando o progresso, e proclamando a supremacia edenica da caridade, da egregia caridade christan, que realisa cá na terra entre os homens o que se passa lá acima entre os anjos—o mais bello dos prodigios, o prodigio da vida das creaturas identificada com a vida do Creador.

Com certeza não ha como os monumentos para synthetisarem os seculos, e não ha como os feitos para immortalisarem os homens. Essas esplendidas Cathedraes medievas, com suas torres altissimas, erguendo se em pleno azul como que sondando os abysmos do infinito e escutando as melodias do céu; e de par com ellas esses sumptuosos Templos modernos, tão cheios de magestade, tão opulentos de architectura, concretizando na bruteza da pedra as scintillações faiscantes do espirito religioso e adensando nos labores da arte as maravilhas estupendas da civilisação mais primorosa, são outros tantos monumentos de dezenove seculos de Christianismo. Esses embrandecimentos de costumes, essa graciosa polidez na convivencia social, essa doce compaixão pelo pobre que soffre, pela viuva que chora, pelo orphão sem arrimo, pela innocencia sem defeza, essa harmonia deliciosa que se espanneja no sanctuario do lar domestico, essas relações amorosissimas de confiança intima, de excelsa piedade, entre o esposo e a esposa, o pae e o filho, o irmão e a irman, o soberano e o subdito, o amo e o servo, o senhor e o escravo, esses magnificos principios humanitarios tão nobremente consignados nas leis que regem os povos christãos, todas essas constellações rutilantes de virtudes civicas e moraes, que gravitam no

firmamento estrellado das sociedades modernas, formam a moldura do quadro gigantesco onde avulsa a cercado de luz, n'um deslumbramento de aurora, o busto glorioso do Padre, como expressão typica da maior força social, — da força social por excellencia.

Para verificar tudo isto basta relancear os olhos pelas galerias pompeantes da historia. E realmente o que era o mundo antigo ?

Em Roma era o sensualismo na sua esqualidez superlativa, e entre os barbaros a crueldade acuminada, a mais truculenta, a mais feróz. Os Cesares grimpavam ao throno pela escada dos sabres pretorianos e deshonravam a purpura com as acções mais infames. Tiberio, o vingativo, deliciava-se nas torpetudes de Caprea ; Nero, o matricida, representava comedias nos theatros de Roma ; Caligula, o covarde, rebaixava os brios do consulado para satisfazer seus caprichos ; e Vitellio, o guloso, annihilava a dignidade humana no dominio de suas orgias deprimentes. O vicio era um deus fervorosamente adorado ; as matronas pisavam as rosas do pejo nos antros do amor brutal, as virgens prostituíam-se nos templos e as vestaes eram messalinas occultas ; o patriotismo degenerado, trescalando peregrinas essencias do Oriente, já não tinha animo de levantar a espada flamejante de seus avós ; e o povo rei tinha-se tornado um povo de escravos ociosos que só queriam pão e circo. Sociedade immunda, sem laços de familia, sem laços de amizade, sem laços de casta nem uma, cujo retrato nos ficou, he liondo e livido, n'aquelle extranho barquete de Trimalcão, « em que se comiam linguas de rouxinões, bebiam-se em calices de uma só esmeralda perolas diluidas em vinho, e saboreavam-se moréas alimentadas com a carne dos jovens escravos. »

Essa horriavel sociedade effeminada e cruel teria sem duvida succumbido aos golpes tremendos da espada de Odín e do martello de Thor, se a não salvasse o Sacerdote catholico, indo ao encontro dos barbaros semi-nús de Attila e Genserico, de Alarico e Radagasio, barbaros sanguinarios, terriveis no aspecto e na colera medonhos,

que embebiavam no arco flechas feitas de ossos humanos e levavam penduradas ao pescoço dos cavallos de batalha as cabeças dos inimigos trucidados; mas barbaros que, ao enfrentarem o Padre e ouvirem-lhe a palavra ungida de paz e amor, esqueceram as divindades truculentas dos seus bosques sagrados pelo mansuetissimo Deus da caridade, e curvaram as altivas fronte orgulhosas para receber a agua lustral do baptismo da civilização christã.

Ora, a regeneração da sociedade romana pelo sabio doutrinação do Christianismo, e a creação de uma sociedade nova pelo baptisamento dos barbaros invasores, só isto bastara para circumcingir a fronte do Padre com o nimbo fulgurante da mais alta benemerencia, e aquilatar de vez e decorosamente a sua maxima força social. Mas esta gloria devia caber-lhe por mais largas conquistas e por feitos mais heroicos.

O mundo não reduzia-se aos limites do Imperio Romano, e além do barbarismo nomade, jazia nas sombras do erro e da morte o barbarismo sedentario, que tambem era ovelha fugitiva do rebanho, que elle pastoreava. De certo para ir encontra-lo em suas tendas e em suas cidades era preciso bracejar por todos os mares, divagar por todos os continentes e perigrinar por todas as ilhas; era de mister expor-se a todas as intemperies de todos os climas, vencer difficuldades immensas e arrostar perigos sem conta. Mas que lhe importava tudo isto, se era para fazer brilhar a luz da civilização na noite dos espiritos, se era para encher da verdade evangelica o vacuo das intelligencias, se era para levar o Deus da mansidão ás almas ferocissimas dos ferocissimos selvagens?

As grandes interpresas demandam grandes sacrificios, e a divina interpresa do Padre era desbravar e polir a sociedade antiga, e enveredal-a pelos caminhos luminosos da verdade e da virtude, desfraldando aos quatro ventos da terra o sacro vexillo da Cruz sobre as ruinas fumegantes do paganismo egoista e cruel. E, pois, a tempestade, o naufragio, o soffrimento, o supplicio, a dôr a morte, nada podia demovel-o de passar de continente a continente, de archipelago a archipelago, de região á re-

gião, de tribu á tribu, de familia á familia, com o riso da esperança nos lábios, com a flamma da caridade no peito, com o iris da paz sobre a fronte, annunciando por toda a parte indefessamente, valorosamente as vantagens infinitas e as grandezas inexcediveis do Imperio regenerador, do gloriosissimo Imperio de Nosso Senhor Jesus Christo.

A sua voz de doutrinador sublime de cousas extraordinarias, nunca vistas e nunca ouvidas, estrondeou, calorosa e forte, sonora e penetrante nos ambitos do mundo inteiro; e a sua palavra trovejante e acariciadora ao mesmo tempo, a sua palavra, cheia das solemnes e magestosas vibrações do infinito e rica das opulencias magnanimas do coração, foi accordar os echos das mais solitarias e recuadas paragens do universo. *In omnem terram exiit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.* E esta voz e esta palavra levaram a luz da verdade e a luz da civilização aos povos e ás raças, que se atrophiam na torpe escravidão do erro e nas trevas espessas da barbaria, e cavaram bem fundo os alicerces e levantaram os muremamentos inabalaveis do esplendido edificio social christão.

Admiravel! Simplesmente assombroso! Não precisa mais nada para mostrar a acção social do Padre. Elle pode, com todo o aprumo, com toda a sobranceira, sem receio de contestação séria, sem medo de formal desmentido, elle pode apontar a sociedade hodierna e dizer:—Eis a filha do meu primeiro e unico amor, o fructo bemdito do consorcio da minha alma com o Christo. O que ha de bom, de bello, de grande, de primoroso, de sublime, de excelso, de magnifico, de sobrenatural, de celeste, de divino nas instituições politicas e sociaes do mundo christão, é obra minha, tão sómente minha. Antes de mim, só havia erro e eu trouxe a verdade, só havia trevas e eu trouxe a luz, só havia vicio e eu trouxe a virtude, só havia escravidão e eu trouxe a liberdade, só havia egcismo e eu trouxe a caridade, só havia desespero e eu trouxe a esperança, tudo curvava-se á fatalidade do destino e eu mostrei a acção da Providencia.

—Para formar esta brilhante sociedade, que hoje me insulta e me despresas, empreguei o que tinha de melhor,

—toda a actividade do meu espirito e todo o zelo do meu coração; vagabundiei por todos os cantos do planeta e surpreendi todos os segredos da sciencia; vali-me do genio dos Apostolos para vencer os deuses e usei da constancia dos martyres para assombrar os Cezares; fui Ambrosio rechassando a tyrannia e fui Agostinho confundindo o erro; fui o maximo dos philosophos com o Anjo da Escola e fui o maximo dos benemeritos com o Anjo de Claraval; transmudei o deserto nas maravilhas da virtude e presenciei nos Claustros o berço de todas as disciplinas e a aurora de todas as descobertas; fiz-me escravo para ganhar os escravos e tornei-me sabio para converter os sabios; com as doçuras da caridade consolei os pequenos e por um excesso de amor, fiz-me tudo para todos, afim de lucrar todos para o céu.

—N'este constante labutar em prol da humanidade, gastei dezenove seculos de sacrificios, que me têm sido pagos com dezenove seculos de ingratidão. A sociedade, não se atrevendo e não podendo negar a minha extraordinaria influencia social, reconhece os meus grandes serviços perseguindo-me sem treguas: sou um ignorante fanatico entre os sabios modernos e um paria entre os homens; tal me admira, pois o Christo, o Sapiientissimo, o Duleissimo Christo, tambem foi um escandalo entre os Judeus e um louco entre os Romanos. Isto me consola, fico muito mais semelhante ao meu Divino Senhor, e realmente é preferivel, infinitas vezes preferivel ser odiado e perseguido com o Christo, a ser ardentemente amado e venerado sem Elle. —

Eis pallidamente delineado em toscas phrases desalinhavadas o quadro gigantesco da acção social do Padre catholico no mundo. Pintal-o a vivo, com todas as regras da arte, com todas as magnificencias da esthetica, talvez o pudesse o pincel genial de um Murillo da oratoria. Não eu. Mas o rapido estudo, que ahi fica, é mais que sufficiente para se comprehender a estupenda missão social do Padre e a responsabilidade infinita que lhe pesa sobre os hombros, sobretudo nos tempos, que correm.

E com effeito, as sociedades contemporaneas sentem-

se trabalhadas por um espirito de revolta, que ameaça arruiná-las por completo ; o seu organismo, d'antes tão forte, tão sadio, enlanguedece a olhos vistos sob a acção toxica de principios e doutrinas nefastamente subversivas. E' necessario salvá-las ; é preciso convencel-as de que só os principios divinos da moral evangelica lhes podem servir de base inconcussa e de fundamento indestructivel ; é de mister provar-lhes que só a virtude pode acobertal-as das desordens fataes, que nascem das paixões humanas sublevadas.

Esta é a missão do Padre. Esta é a sua missão divina. Para coroa-l-a de bom exito deve elle conservar-se sempre na altura de sua dignidade incomparavel, deve ser homem de lucta, homem de sacrificio, homem de sciencia e homem de virtude, deve, em uma palavra, ser a copia viva e palpitante do Christo, profligando fortemente, suavemente, o erro e o vicio aonde quer que os encontre, no sabio e no ignorante, no rico e no pobre, no grande e no pequeno ; e dando, sem trepidar, a vida e a honra para salvar as almas desgraçadas e as sociedades prevaricadoras.

Se no desempenho escabroso d'esta augusta missão o perseguirem os homens, se o odiarem, se lhe moverem guerra de morte, não se desconsola, não se perturbe, não se apavore, não se desanime, não se abata, que Jesus Christo, o bem amado, o bonissimo Salvador da humanidade ingrata foi o primeiro odiado, o primeiro acerba e atrozmente perseguido. *Si mundus vos odit, scitote quia me priorem vobis odio habuit.*

P.^o VALDEVINO NOGUEIRA.

